

Fotojornalismo 2.0: o impacto das novas tecnologias e perspectivas de um futuro incerto¹

Salomão da Silva BOAVENTURA²

Luciana Leme Souza e SILVA³

Centro Universitário de Rio Preto, São José do Rio Preto, SP

RESUMO

Desde seus primórdios, o fotojornalismo, em conjunto com o texto, conduz o leitor a uma melhor apreensão dos fatos. No entanto, para atingir esse objetivo, fazia-se necessário além de um bom equipamento, a presença do repórter fotográfico. Este, por sua vez, consegue registrar cenas que só podem ser observadas por quem possui um olhar apurado. No entanto, a ampla difusão de câmeras fotográficas entre a população, em conjunto com o advento da web 2.0, fez com que as cenas sejam registradas e publicadas no universo digital em tempo real por meros amadores. A presença do fotojornalista se dá após os fatos e, muitas vezes, pautada pelas fotos amadoras. Tais conteúdos produzidos e propagados nas novas mídias podem auxiliar na produção da notícia, uma vez que o profissional não é onipresente.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo; Internet; Jornais; Tecnologias.

O fenômeno da web 2.0 propiciou, entre outros pontos, a possibilidade de fotografar e enviar em tempo real as imagens obtidas para as mídias sociais utilizando aplicativos para celulares, iPhones ou tablets. Tal fato fez com que qualquer pessoa, mesmo sem formação específica, torne-se uma espécie de fotojornalista-cidadão.

Segundo Ferreira (2012), a popularização da fotografia proporcionou uma cobertura de catástrofes nunca vista antes. “Hoje, com os modernos smartphones, milhões de pessoas estão agora de posse de potentes câmeras fotográficas. Terremotos, tsunamis ou acidentes não são planejados ou programados, mas quando algum acontece, não serão fotojornalistas que estarão por perto, serão usuários de aparelhos celulares” (FERREIRA, 2012, p.10). Um dos exemplos, como afirma Ferreira (2012), tornou-se a foto mais famosa do último lançamento do ônibus espacial Endeavour, em maio de 2011. Essa imagem não foi registrada pelos fotojornalistas presentes na base de lançamento do Centro Espacial

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Rio Preto-UNIRP, email: salomaoboaventura@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professorado Curso de Comunicação Social - Jornalismo do Centro Universitário de Rio Preto-UNIRP, email: luciana@unirp.edu.br

Kennedy, mas sim abordo de um avião por Stefanie Gordon, uma moradora da cidade de Hoboken, Nova Jérsey (EUA).

De dentro do avião ela foi capaz de capturar algumas fotos com seu iPhone e, em seguida, posta-las no Twitter. Em poucas horas as fotos dela foram compartilhadas em dezenas de sites de notícias, a Associated Press (AP) pagou 500 dólares para usar uma de suas imagens e, no dia seguinte, alguns de seus Twitpics foram parar nas primeiras páginas dos muitos jornais. (FERREIRA, 2012, p.11).

4



Com a velocidade da banda-larga móvel, o jornalismo-cidadão ganha espaço na sociedade. Entrementes, antes de refletir acerca do fotojornalismo com a propagação dos *smartphones*, é necessário observar que o nascimento da fotografia de imprensa – ligado à reportagem de guerra – constituiu um marco para a história do jornalismo. “Ele foi a principal fonte de documentos históricos e antropológicos do nosso tempo, registrando os acontecimentos e preenchendo a memória de quem vê as imagens capturadas.” (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p.14).

Tal fato proporcionou, gradativamente, uma mudança na visão da sociedade sobre os acontecimentos. Assim sendo, o modo de pensar do indivíduo mudou, pois “a fotografia é um signo e, como tal, mediadora entre o indivíduo e o mundo externo, ajuda-nos a ver, mas também a interpretar” (PERSICHETTI, 2000, p. 12).

Assim como a Internet nasceu em plena Guerra Fria, “inicialmente estabelecida em 1968-9 [...] compartilhando informações entre universidades 'hi-tec' e outros institutos de pesquisa [...] um elemento essencial da sua razão de ser era que a rede pudesse sobreviver à retirada ou destruição de qualquer computador ligado a ela.” (BRIGGS;

⁴ Lançamento do ônibus espacial Endeavour, foto feita abordo de um avião por Stefanie Gordon. Disponível em: < http://photoblog.nbcnews.com/_news/2011/05/16/6653856-awesome-photo-of-shuttle-from-airplane > Acesso em 09 jun. 2013

BURKE, 2006, p. 300-1) – a guerra também é a responsável pelo nascimento do fotojornalismo como afirma Sontag (2004).

Naquele tempo, registrar as imagens despendia muito esforço. O inglês Roger Fenton, um dos precursores da fotografia bélica, embarca em fevereiro de 1855 para fotografar a guerra da Criméia, “O material que ele embarca é enorme: trinta e seis grandes caixas...” (FREUND, 1989, p. 107). A tarefa era exaustiva, pois as máquinas eram pesadas e difíceis de transportar, assim, muitas vezes os fotógrafos eram escolhidos mais pela força física do que pelo seu talento como diz Freund (1989).

Deste modo, engana-se quem pensa que desde o início, os fotojornalistas eram profissionais capacitados. Segundo Giacomelli (2008), citando Freund (1995), quem fotografava para os jornais eram indivíduos de baixa escolaridade que faziam serviços simples dentro das redações. “Não havia [...] preocupação em obter imagens fotográficas que contivessem informações relevantes sobre o evento que estava sendo fotografado: o uso de fotografias servia apenas para “ilustrar” as publicações. (FREUND, 1995; PHILIPS, 1996 *apud* GIACOMELLI, 2008).

No final do século XIX, com as películas fotográficas e a Kodak nº1, criados por George Eastman, o ato de fotografar ficou mais simples. Segundo Giacomelli (2012), citando o *marketing* da Kodak, isso poderia ser feito por qualquer um, afinal “ao fotógrafo bastava apenas apertar o botão do disparador da câmera...”(GIACOMELLI, 2012, p. 48).

Foi na Alemanha, durante o período conhecido como República de Weimar, após a I Guerra Mundial que esse cenário se transformou. Segundo Giacomelli (2012, p. 50) surgiu neste momento uma nova geração de fotógrafos “a maioria com formação universitária – amadureceu o trabalho que vinha sendo desenvolvido em várias revistas ilustradas alemãs...”. Desaparece o fotógrafo mal vestido.

O maior nome dessa época, segundo Freund (1989), é Erich Salomon. Ele é considerado o pai do fotojornalismo moderno e da fotografia indiscreta. Para isso, Salomon empenhou-se em conhecer seu equipamento para registrar imagens de modo melhor e sem chamar a atenção. “Salomon percebeu que o obturador fazia barulho e o entregaria no momento do registro, então passou a usar um obturador que operava sem ruído” (FREUND, 1989, p. 115).

Salomon foi testemunha da evolução da tecnologia fotográfica do início de século XX, o que facilitou seu trabalho. O surgimento de máquinas ainda mais compactas, com flash, lentes e aberturas maiores impulsionou o fotojornalismo. “A Leica e a Ermanox revolucionariam o fotojornalismo

por permitir uma maior mobilidade ao fotógrafo, que não precisaria usar constantemente o *flash* e tinha ainda a vantagem de trocar suas lentes de acordo com o objetivo do seu trabalho” (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p. 47).

Assim, cada vez mais, os fotojornalistas buscavam aprimorar sua técnica e, conseqüentemente o olhar. Isso leva a definição de Henri Cartier-Bresson do “momento decisivo”, como afirma Bussele (1993). Este momento decisivo sugere perspicácia por parte do fotógrafo para que tenha senso do tempo perfeito para congelar a ação no seu clímax. O próprio Cartier-Bresson buscava compor bem suas imagens.

Para mim (dizia Cartier-Bresson), fotografia é o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, do significado de um evento bem como de uma organização precisa das formas, que dão a esse evento sua expressão apropriada... Dentro do movimento, há um momento em que os elementos em movimento estão em equilíbrio. A fotografia deve apoderar-se desse momento e manter imóvel o equilíbrio dele. Para Cartier-Bresson, uma fotografia não apenas deve congelar um instante do tempo, mas também deve capturar esse instante dentro de uma composição bem projetada. (COOKMAN apud KOBRE 2011, p.19).

Em meados do século XX, segundo Giacomelli (2012), os modelos de película da Kodak que atingiam ISO 400 tornaram-se vedetes dos fotojornalistas, uma vez que permitiam fotografar em ambientes diferentes. Existindo desde os anos 30 nas revistas ilustradas, a foto colorida se popularizou nos jornais apenas na década de 80, de acordo com Accorsi e Boni (2006). A partir do final dessa década a revolução digital se inicia. “Foi no final desta década que surgiu, em nível de mercado, a tecnologia digital, que revolucionou a história da fotografia. Cânon, Nikon e Sony disponibilizaram seus primeiros modelos digitais e os softwares necessários para a edição em 1989.” (ACCORSI; BONI, 2006, p. 3).

Segundo Sousa (2004), visando obter a melhor imagem, o fotojornalista deve estar pronto para qualquer situação. Dessa forma, é conveniente “andar permanentemente munido [...] de duas câmeras fotográficas [...] devendo uma delas possuir um sistema de objetivas intermutáveis, várias objetivas, eventualmente zoom...” (SOUSA, 2004,p.52). Assim, entende-se que o fotojornalista profissional utiliza seu conhecimento para levar consigo o material necessário para fazer seu trabalho. O profissional sabe quando e onde usar cada tipo de lente e configuração da máquina fotográfica.

Segundo Persichetti (2006), as pessoas – não profissionais – sempre fotografaram. A principal diferença é que hoje a circulação das imagens ocorre em tempo instantâneo devido à veiculação delas em vários sites, e também nas redes sociais.

A migração da fotografia analógica para digital supõe uma verdadeira revolução no tempo de recepção, que tem efeitos diretos sobre uma nova concepção do valor de uma imagem. A incorporação das tecnologias digitais supõe a passagem da relação temporal da fotografia com a realidade a uma relação temporal baseada exclusivamente no tempo de sua distribuição e na eliminação das barreiras do espaço. (VILCHES, 2006, p.161 *apud* PERSICHETTI, 2006, p. 186).

A Internet: informação de e para qualquer lugar

Com menos de um século de história, a internet – bem como a fotografia – revolucionou a comunicação, do seu próprio modo. Segundo Oliveira e Nascimento (2012), com a internet nasce o ciberespaço e este passa a desempenhar um papel importante na sociedade.

O ciberespaço, por sua vez é o espaço de comunicação criado pela conexão de computadores com o surgimento da internet, apresentando-se como uma estrutura social que tem como base o processo de comunicação interativa, numa rede global de interconexão que permite aos indivíduos acessar informações, armazenar e estabelecer interações a partir de um espaço democrático. (LÉVY, 1999 *apud* OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2012, p. 34).

Terra e Salles (2013) afirmam que a rede mundial de computadores cresceu vertiginosamente no Brasil na primeira década do século XXI, isto é comprovado com dados do IBOPE-Nielsen. Tanto que, em dezembro de 2012, já existiam no Brasil 83,4 milhões de internautas. Tal influência faz surgir um novo contexto de comunicação. “Assim como a difusão da máquina impressora no ocidente criou o que McLuhan chamou de a “galáxia de Gutenberg”, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a “galáxia da internet”. (CASTELLS, 2003, p.8 *apud* TERRA, SALLES 2013, p.2).

O número cada vez maior de habitantes nessa “galáxia” transformou o padrão de comunicação então conhecido. Agora, a informação tem o poder de chegar rapidamente a qualquer lugar. No entanto, há quem defenda a ideia de que a internet é a responsável pelo caos no mundo com o surgimento de amadores em detrimento dos profissionais. Entre eles, encontra-se o norte-americano Andrew Keen.

Para Keen (2009), o crescimento vertiginoso da Internet trouxe além dos benefícios, muitos males como, por exemplo, a ascensão do amadorismo. Multidões de amadores tornaram-se fotógrafos, repórteres e editores ao mesmo tempo. De acordo com Keen, a internet 2.0 tornou-se um altar ao amador. Destarte, o que é profissional paulatinamente perde seu espaço em detrimento ao que é gratuito.

Hoje, numa web em que todo mundo tem a mesma voz, as palavras do sábio não contam mais que os balbucios de um tolo [...] poucos de nós temos a formação especial, o conhecimento ou a experiência prática para gerar qualquer tipo de perspectiva real. Thomas Friedman, colunista do New York Times, e Robert Fisk, o correspondente do jornal Independent, no Oriente Médio, não brotaram de um blog obscuro – eles adquiriram seu conhecimento detalhado da região passando anos lá. Isso envolveu consideráveis investimentos de tempo e recursos, pelos quais tanto os próprios jornalistas como os jornais para os quais trabalham merecem ser remunerados. (KEEN, 2009, p.32).

Difundindo cada vez mais rápido a informação imagética, os novos fotógrafos, mesmo desconhecendo os prolegômenos do jornalismo, vivem uma situação ambígua. Hora tornam-se concorrentes diretos dos profissionais, hora aliados. Enquanto o primeiro tem ao seu lado a informação instantânea, pois está no local do fato ao mesmo tempo em que ele ocorre, o segundo possui a capacidade de aprofundar e analisar a situação, pois este trabalha em conjunto com uma equipe de profissionais que compõem notícia. Afinal, não basta apenas a fotografia descontextualizada; os elementos que conferem sentido a uma mensagem, como afirma Sousa (2004), são o texto em conjunto com os elementos que compõe a imagem “como a pose, a presença de determinados objetos, o embelezamento [...] não existe fotojornalismo sem texto” (SOUSA, 2004, p.65).

Todavia, há quem defenda o contrário de Keen afirmando que os amadores, no tocante à fotografia jornalística, não são um fenômeno exclusivo da internet. Persichetti (2006) afirma que os amadores eram quem sempre registravam primeiro as tragédias. “Talvez, anteriormente ninguém tinha se dado ao trabalho de discutir este assunto. Foi a nova tecnologia que o trouxe à baila.”(PERSICHETTI, 2006, p. 187)

O fenômeno da presença cotidiana deste jornalista-cidadão, sem formação acadêmica, no desenrolar fatos quentes poderá ser muitas vezes um auxílio à imprensa, afinal o profissional não está presente em todo lugar.

As imagens captadas por um telefone celular, por exemplo, são percebidas como mais autênticas, como mais verdadeiras. Haveria talvez, nestas

imagens uma questão complexa e conflitante: para serem vistas como autênticas, para serem lidas como imparciais e verdadeiras, elas não podem ser técnica e esteticamente perfeitas. São autênticas porque foram capturadas por pessoas que estiveram na cena, que participaram ou vivenciaram o acontecimento e não por profissionais que estavam a espera do desenrolar dos eventos. (FERREIRA, 2012, p. 8).

O episódio nomeado como Primavera Árabe, elucida bem o fato do uso de fotos e vídeos feitos por amadores em celulares e a sua colaboração com a imprensa mundial na difusão da notícia, principalmente em lugares onde o acesso é difícil ou negado pelas autoridades locais.

Na Síria, a imprensa estrangeira não tem liberdade de atuação. Na Líbia, havia repórteres, mas o regime de Kadafi mantinha a atividade sob estrito controle. As imagens dos confrontos nesses países chegaram ao resto do mundo graças aos próprios opositores, que usaram dispositivos móveis, como câmeras e celulares. Bastou uma brecha na web mantida sob rígido controle pelo regime de Damasco para o planeta todo assistir a um vídeo do corpo de um garoto sírio torturado pelas tropas de Bashar al-Assad, despertando a ira de opositores e conquistando as preocupações de outros países sobre a situação da violência e dos direitos humanos na Síria. (COSCELLI, 2011).

O advento da publicação e também transmissão da imagens em tempo real também atingiu em cheio o Brasil no último mês durante as manifestações populares em diversas cidades. Segundo o jornal *The New York Times*, visando mostrar os fatos por si só, jovens produziram seu próprio conteúdo, livre de edições.

Como uma alternativa, alguns dos protestantes iniciaram, eles próprios, a cobertura das manifestações, distribuindo suas reportagens através das mídias sociais. Um grupo, chamado N.I.N.J.A., sigla em português para Narrativas Independentes Jornalismo e Ação, circulou pelas ruas com smartphones, câmeras e um gerador preso a um carrinho de supermercado – um estúdio improvisado. (NEUMAN; ROMERO, 2013).⁵

Este estilo de jornalismo e fotojornalismo móvel proporcionou ampla divulgação dos fatos, além disso, transmitiam fatos a própria grande mídia ainda não possuía. “A capilaridade informativa foi muito superior a das TVs comerciais, onde havia total ausência de fatos. O polêmico Marcelo Rezende, da TV Record, pediu várias vezes ao

⁵ Tradução livre do original: As an alternative, some protesters have begun covering the demonstrations themselves, distributing their reports through social media. One group, called N.I.N.J.A., a Portuguese acronym for Independent Journalism and Action Narratives, has been circulating through the streets with smartphones, cameras and a generator held in a supermarket cart — a makeshift, roving production. studio.

vivo: ‘Alguém me diga o que está acontecendo, tenho a imagem do helicóptero mas não sei o que está ocorrendo na rua.’”(CASTILHO, 2013).

Observando esses fatos da história recente do Brasil e no mundo, entende-se que, mesmo sem o uso da técnica, é útil a informação proveniente dos “novos fotojornalistas”. Para Persichetti (2006), inexistem problemas no jornalista-cidadão, afinal a técnica sempre pertencerá ao profissional. “Mas a notícia quente, o fato, pode muito bem ser transmitido por um amador. Quem se insurge contra isso ou está de má fé ou é incompetente.” (PERSICHETTI, 2006, p. 188).

A suposta ameaça dos amadores aos fotojornalistas de fato, não passa de falácia, uma vez que, como citado anteriormente, este último possui a técnica da fotografia de imprensa. Todavia, o crescimento do conteúdo gratuito da internet 2.0 atrelado a constante perda de público pelos jornais impressos, pode ser a causa da demissão em massa de fotojornalistas, como no caso do Chicago Sun Times.

A circulação dos jornais nos Estados Unidos está despencando. Em seis meses, entre março e setembro de 2006, a circulação diária de 770 jornais no país caiu 2,8% em relação ao mesmo período do ano anterior – um dos piores declínios registrados [...] Quando a receita declina, a primeira reação, é claro, são as demissões.” (KEEN, 2009, p. 120).

Neste caso, com a ausência do fotojornalista, conseqüentemente o repórter trabalhará em dobro. Para o repórter fotográfico Alex Garcia, do jornal *Chicago Tribune* essa ideia de repórteres usarem iPhones é uma ignorância desesperadora.

Isso porque os melhores repórteres usam hemisférios diferentes do cérebro para fazer seus trabalhos do que os melhores fotógrafos. Pensamento visual e espacial em três dimensões é muito diferente do que pensamento verbal e analítico [...] Um iPhone é apenas um iPhone. Ele não tem uma (lente) teleobjetiva para ver além das barreiras policiais ou através de um campo, um salão de festas ou rodovia de quatro pistas. Ele não tem um monte de controles manuais para lidar com as inúmeras situações de exposição que o modo automático deixa de capturar. Quantas situações são 18% de cinza, afinal? (GARCIA, 2013).⁶

⁶ Tradução livre de: That’s because the best reporters use a different hemisphere of the brain to do their jobs than the best photographers. Visual and spatial thinking in three dimensions is very different than verbal and analytical thinking. An iPhone is just an iPhone. It doesn’t have a telephoto to see way past police lines or across a field, ballroom or four-lane highway. It doesn’t have a lot of manual controls to deal with the countless situations that automatic exposure will fail to capture. How many situations are 18% gray, anyway?

Com tipos diferentes de olhares, questiona-se a qualidade da mensagem na foto feita por um jornalista, sem experiência em fotografia, com o Iphone; já que a fotografia de imprensa “é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são tantos outros fatores de conotação...” (BARTHES, 2005 p.328).

Para tal fato, uma alternativa interessante é que os próprios repórteres fotográficos sejam munidos de Iphones ou outros smartphones. Para Ferreira (2012) isto seria uma melhor solução para alavancar os jornais, pelo menos seus sites na internet. Exemplo disso, ainda segundo Ferreira (2012) são os fotojornalistas Balazs Gardi e Teru Kuwayama. Eles deixaram de lado o pesado equipamento cheios de lentes e com Iphones registraram a guerra do Afeganistão e compartilharam as imagens nas redes sociais. Tal como Fenton no século XIX, eles registraram a vida dos combatentes dentro da base e, devido a praticidade do novo equipamento, registravam também o *front* de batalha.

O iPhone tira fotos muito boas e com qualidade. Os softwares de pós produção são aplicativos baratos, como o que usamos Hipstamatic e custou 2 dólares. O iPhone é a minha câmera profissional mais barata, só custou 800 dólares e é uma ferramenta que tem basicamente tudo que um jornalista precisa hoje (GARDI in ORTIZ, 2012, *apud* FERREIRA, 2012, p.13).

As fotografias registradas por profissionais, através de celulares já ganharam a capa do periódico *The New York Times*. Recentemente, na edição de 31 de março de 2013, foi publicada a imagem de um jogador de beisebol. O que mais chamou a atenção foi que a fotografia foi feita por um iPhone e editada através do *Instagram*. O autor das imagens, Nick Laham afirma em seu *blog* que as fotos foram feitas no vestiário do campo de treinos do time sem qualquer aparato técnico. Mesmo tendo registrado fotos com sua máquina profissional, as escolhidas foram as fotos editadas pelo iPhone. “Não foi me foi dada a opção de usar um estúdio ou o banheiro e eu escolhi a segunda opção. Entrei cadeia fotógrafos às 6 da manhã no centro de treinamento de primavera do New York Yankees em Tampa, tomei o espaço que poderia e fiz o que pude.” (LAHAM, 2013, *apud* BALL, 2013).⁷

⁷ Tradução livre do original: I wasn't given the option of studio or bathroom stall and decided on the latter. I joined the chain of photographers at 6am in the confines of the New York Yankees Spring Training facility in Tampa, and took what space I could get and worked with it.



Com isso, é possível observar que as novas tecnologias tendem a colaborar e muito com o fotojornalismo. Uma vez que “o que menos interessa ao destinatário é o autor, com a condição de que a foto seja imediata” (VILCHES, 2006, p.163 *apud* PERSICHETTI, 2006, 188), em conjunto com a população armada com suas câmeras amadoras, o fotojornalista poderá chegar até a sua pauta munido das informações visuais exatas e registrar até mesmo com um *smartphone* as melhores imagens com o uso de sua técnica e seu olhar treinado e após segundos disponibilizar a informação para seu editor e em seguida para o leitor.

REFERÊNCIAS

ACORSI, André Reinaldo; BONI, Paulo César. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. In. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2006, Brasília, **Anais...Brasília**: UNB, 2006. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19870/1/Paulo+C%C3%A9sar+Boni-Andr%C3%A9+Reinaldo+Acorsi.pdf>> Acesso em: 29. Abr. 2012.

BALL, Tim. From iPhone to printed page: The rise of Instagram in major publications. **SND**, Orlando, 13 maio 2013. Disponível em: < <http://www.snd.org/2013/05/from-iphone-to-printed-page-the-rise-of-instagram-in-major-publications/>> Acesso em: 9 jul. 2013.

BARTHES, Roland. A Mensagem Fotográfica. Trad. César Bloom. In: LIMA, Luiz Costa (org.) Teoria da Cultura de Massa. 7. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p.325-338.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Revisão técnica Paulo Vaz. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

⁸ Capa *The New York Times* 31 de março de 2013. Disponível em: < http://www.snd.org/wp-content/uploads/2013/05/NY_NYT.jpg > acesso em 9 jul. 2013.

BUSSELE, Michele. **Tudo sobre fotografia**. 6. Ed. São Paulo: Pioneira, 1993.

CASTILHO, Carlos. O pós-jornalismo entra em cena nas manifestações. **Observatório da imprensa**, São Paulo, 30 jun. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/posts/view/o_pos_jornalismo_entra_em_cena_nas_manifestacoes>. Acesso em: 09 jul. 2013.

COSCELLI, João. A revolução será twittada. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,a-revolucao-sera-twittada,812020,0.htm>> . Acesso em: 09 jul. 2013.

FERREIRA, Jorge Carlos Felz. iPhone-photography e a cobertura de guerra: novos paradigmas para o fotojornalismo moderno. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10.,2012, Curitiba. **Anais eletrônicos...**Curitiba: PUC-PR, 2012. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/10encontro/jorge_carlos_felz_ferreira.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2013.

FREUND, Gisele. **Fotografia e Sociedade**. 3. ed. Vega, 1989

GARCIA, Alex. The Idiocy of Eliminating a Photo Staff. **Assignment Chicago**, Chicago, 30 mai. 2013. Disponível em: <<http://newsblogs.chicagotribune.com/assignment-chicago/2013/05/the-idiocy-of-eliminating-a-photo-staff.html>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **A transição tecnológica do fotojornalismo**: da câmara escura ao digital. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.4, n.5, p. 13-36, 2008.

KEEN, Andrew. **O Culto do Amador**: Como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KOBRE, Kenneth. **Fotojornalismo**: uma abordagem profissional. 6. ed. Trad. Edson Furmankiewicz. São Paulo: Elsevier, 2011.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A imprensa na história do Brasil**: Fotojornalismo no século XX. Rio de Janeiro: Puc-Rio, Desiderata, 2005.

NEUMAN, William; ROMERO, Simon. Sweeping Protests in Brazil Pull In an Array of Grievances. **The New York Times**, Nova Iorque, 20 jun. 2013. Disponível em: <

http://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?pagewanted=1&_r=1&ref=world>. Acesso em: 08 jun. 2013.

OLIVEIRA, Luiz Ademir; NASCIMENTO, Wanderson Antônio. O ciberespaço como uma nova dimensão da esfera pública: a cobertura da campanha presidencial de 2010 nos blogs de Josias de Souza e Luis Nassif. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 14, jan/jun. 2012.

PERSICHETTI, Simonetta. Imagens da fotografia brasileira, vol. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. A encruzilhada do fotojornalismo. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.2, n.2, p. 179-190, 2006.

_____. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. Fotojornalismo: Introdução à História, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TERRA, Luiz Carlos; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. A “galáxia da internet”: uma reflexão sobre as novas formas de comunicação e sociabilidade nas redes sociais. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 18., 2013, Bauru. **Anais...**Bauru: Intercom, 2013. 1 CD-ROM.